



## «UM HECTARE DE REGADIO VIABILIZA ALGUNS DE SEQUEIRO AO SEU REDOR»

Retrato de um produtor de cereais em diferentes regimes, mas com foco no sequeiro ajudado.

Carlos Afonso

**A** exploração familiar onde Afonso Bulhão Martins exerce a sua actividade envolve diversas vertentes: pecuária (de vários tipos), culturas permanentes (pastagem, vinha e olival) e culturas anuais (cereais sobretudo, mas também milho e tomate). Abrange igualmente diferentes regimes (sequeiro, sequeiro ajudado – ou «regadio com algumas limitações de água e só nas alturas mais próprias» – e regadio «sem limitações») e terrenos diversos (um pouco mais de metade são próprios e os restantes são de arrendamentos ou acordos com proprietários), centrados no concelho de Alandroal – com epicentro na vila de Terena – ou nas suas fronteiras com os concelhos de Redondo, Évora e Vila Viçosa, alguns servidos por regadio

público (Vigia e Luceférit). Ao todo, exploram cerca de 8.000 hectares (ha), mas só pouco mais de 6.000 a tempo inteiro e ao longo do ano – 2.000 só são explorados de Novembro a Fevereiro.

A área de milho varia entre 400 a 500 ha, «muito dependente da disponibilidade de água das barragens públicas e um bocadinho do preço», refere Afonso Bulhão Martins. A área de cereais praganosos ronda normalmente os 1.100 ha, com à volta de 80 ha em regime de sequeiro ajudado, aproximadamente 320 ha em regadio sem limitações e o restante em «sequeiro puro – regadio das nuvens».

Normalmente, cerca de 65% a 70% dos cereais praganosos

# A ciência entra em campo



asfertglobal®

O nascer de uma nova Agricultura





são cultivados em sequeiro total, por manifesta falta de recursos hídricos. O resto, 35% a 30%, são cultivados em regadio: sem restrições nas áreas abrangidas por perímetros de rega públicos e, nas outras áreas, onde apenas se conta com furos, pratica-se o sequeiro ajudado, «dando água nos momentos em que é mais necessário». A maior ou menor disponibilidade de água numa barragem existente numa das propriedades próprias determina, respectivamente, se aí fazem 12 ha de milho – como aconteceu este ano – ou de cereais.

A disponibilidade de água e o potencial da cultura são os dois factores que influenciam a quantidade de água aplicada, sendo que, em situações sem restrições de água, há que ter em conta os custos associados – da água, da energia, da manutenção dos sistemas de rega, do encarregado da gestão da rega, etc. Quando a água é pouca, o sequeiro ajudado é a opção: «a existência do sequeiro ajudado está apenas e só relacionada com a disponibilidade de água», frisa o agricultor. Afonso Bulhão Martins realça a importância do regadio, «não só porque aumenta a produtividade, mas sobretudo porque permite ter um seguro». «Sabemos que temos um mínimo de produtividade. Partimos logo de uma base mais alta. Enquanto que no sequeiro partimos do zero. Depois, o regadio é muito importante porque dá escala – pelo aumento da produção – e isso faz com que uma pessoa tenha mais facilidade em dedicar-se à actividade. Estas culturas não têm uma grande rentabilidade por hectare. O sequeiro ajudado ou o regadio dão uma segurança mínima à existência da actividade e viabilizam áreas de sequeiro. Não só aumentam a produtividade no local onde há o regadio ou o sequeiro ajudado como dão algum conforto ao agricultor para arriscar nas áreas de sequeiro.»

O produtor reforça a mensagem, porque é «fundamental» e porque «nem sempre é passada ou bem passada, mesmo pelos próprios agricultores». «Um hectare de regadio viabiliza alguns de sequeiro ao seu redor. Como o regadio dilui o risco da actividade, também tira o risco de algumas áreas de sequeiro. Tenho muito mais facilidade em fazer 50 hectares de trigo de sequeiro se tiver ao lado 25 de regadio do que não tendo os 25 de regadio. Se tenho aquela percentagem de área de regadio, sou um bocadinho mais ousado e arrisco nu-

mas áreas de sequeiro. Ou seja, ter na exploração uma bolsa de regadio permite-me arriscar em algumas áreas de sequeiro. Portanto, é um seguro para o hectare regado e para os hectares limítrofes, de sequeiro.»

Mas o sequeiro e o sequeiro ajudado também têm o seu papel e não são prescindíveis. «Prefiro aumentar a área de sequeiro ajudado do que reduzir a água e fazer um regadio completo – ou sem limitações. É uma aposta. Se calhar, se fizesse um regadio sem limitações, se optasse por reduzir a área para um terço ou um quarto, tinha condições para fazer milho ou uma cultura permanente. Mas o objectivo, em áreas em que haja pouca limitação de água, é aumentar o sequeiro ajudado. A sua importância é a segurança de uma produção mínima.»

Na exploração, entre os praganosos, predomina o trigo mole (destinado a farinhas para alimentação humana), mas também são importantes o trigo duro («em contextos de solos bons») e cevada (para cerveja), sendo estes três os cereais cultivados em regadio. Em sequeiro, fazem trigo mole – «mais para forragens e para rações» –, triticales – que, com o trigo mole, constitui o grupo de cereais «que melhor se adaptam a várias condições», diz o agricultor –, aveia e cevada.

Produzem ainda centeio, mas ocasionalmente, porque as variedades «ainda não estão completamente adaptadas» e «necessitam de mais frio» e porque «a valorização ainda não é assim tão boa», com Afonso Bulhão Martins a garantir que estão receptivos caso surjam variedades atractivas, para pão. O triticales é principalmente para rações e, visando obter mais valor, para multiplicação de semente. Existem ainda os produtos secundários do cultivo de cereais: palha e restolho.

### «Ano horrível no sequeiro»

Nesta campanha, a forte precipitação durante Dezembro e no início de Janeiro impossibilitou a sementeira de cereais praganosos na altura adequada, tendo sido instalados pouco mais do que 650 ha, face aos habituais 1.100. Tinham conseguido semear alguma coisa no início de Novembro e depois só voltaram a semear em Janeiro, muito nas áreas associadas ao regadio e «em condições muito difíceis: solos completamente encharcados e sementeiras com a terra não muito bem preparada para receber a semente», salienta o produtor. Praticamente metade dos mais de 650 ha foram instalados em regadio, quase mantendo a área habitual. Já a área de sequeiro – em que o risco «é enorme» – diminuiu muito em relação aos outros anos.

A colheita dos praganosos terminou na semana de 10 a 16 de Julho e no sequeiro o resultado foi «uma catástrofe» – houve zonas com 500 a 600 quilos por hectare –, com «a excepção de situações muito particulares, de instalação em Novembro, em condições muito boas e em zonas que tendencialmente são as mais frescas e húmidas». «O resto é um desastre. É um ano horrível no sequeiro.»

«No regadio, é um ano mau também, apesar de haver produções boas, exactamente porque a água o permite», afirma Afonso Bulhão Martins, lembrando a «necessidade enorme de regar, porque não choveu» desde 15 de Janeiro. «É um



# ESTAMOS NA **AGROGLOBAL**

5-7 SETEMBRO  
CNEMA - SANTARÉM

VISITE-NOS!



**HUBEL**<sup>®</sup>  
Verde

ano muito, muito seco e exigiu imensos volumes de água para atingir as produções. Há produtividades altas em variedades, logo à partida, produtivas, mas com um *input*, sobretudo de água, e de energia, superior ao que é habitual.»

Na vertente comercial, o produtor destaca os preços altos que existem na palha, a oscilação «brutal» nos preços e a tendência de descida no preço dos cereais face ao ano passado – no trigo mole, por exemplo, para quase metade. «É um ano muito complicado para os cereais, logo à partida pela menor área semeada devido às chuvas. Depois, por causa da seca. E agora por o preço estar baixo e ter caído imenso, bem como pelas oscilações. Há dificuldade até para nós, agricultores, na decisão de qual é o momento certo e qual é o preço certo para vender os nossos produtos bem. Vendemos tudo através da organização de produtores e a Cersul não tem praticamente nenhum negócio estabelecido, porque tanto ela não se sente confortável como os clientes não estão absolutamente confortáveis no que podem dar.»

Também no milho se afigura um ano «difícil», com queda de preços e necessidade de regar logo no início, pela ausência de chuva – «normalmente, o milho é semeado com o solo com alguma humidade, porque ainda há alguma chuva, mas o solo estava completamente seco na sementeira». Neste acumular de condições difíceis, como é que se mantém a actividade?

Segundo Afonso Bulhão Martins, «na nossa exploração, a ideia foi sempre a diversificação com escala». «Mas como é que isto se faz? Primeiro, tendo estofo para aguentar algum tempo, como o meu pai está a fazer. Depois, diversificando.» E tenta-se obter rendimento com outras actividades. «Este ano, apesar do preço baixo, temos uma grande produção de uva. Apesar de termos pouco azeite, o preço está a níveis altíssimos. Temos uma área maior de tomate, com o preço mais interessante dos últimos anos... ou de sempre, quase. E temos

os campos de tomate bonitos. A esperança é que o tomate seja bem pago e que, de alguma forma, tape estas dificuldade nos cereais, sabendo nós, internamente, que já houve anos em que foram os cereais a tapar o tomate.»

Quanto à próxima campanha de praganosos, irá depender «muito» da quantidade de água disponível nos regadios públicos de que são beneficiários. Se 1.100 ha é a área habitual de cereais na exploração, esta pode oscilar entre 900 a 1.250, dependendo dessa disponibilidade de água. «Se chegarmos a Dezembro e a seca for muito grande e as barragens públicas que nos abastecem tiverem níveis muito baixos, aumentamos a área de cereais. Portanto, apesar do ano difícil, pretendemos fazer um ano normal de cereais na campanha 23-24, na esperança de que seja um ano melhor. É a única coisa boa de um ano mau: o próximo será melhor», declara o produtor.

Nesta exploração, considera-se que «o caminho é a valorização do cereal nacional pela qualidade e não pela quantidade» e, com esse fim, tentam tirar o melhor partido das variedades, dos solos e das restantes condições. Afonso Bulhão Martins aponta a necessidade de «investimentos estruturais» no regadio público – por exemplo, no incremento da capacidade de armazenamento, na optimização das estruturas existentes ou no alargamento das áreas beneficiadas, para permitir «aumentar a área regada em Portugal» – e elenca alguns factores importantes: as políticas agrícolas, o discurso político, a inovação tecnológica, adubos e fitofármacos eficazes e organização dos agricultores. A fechar, sublinha a «complementariedade enorme» dos cereais com a pecuária e que acredita na cultura. «A minha exploração não está preparada para ficar sem os cereais. Vou mais longe ainda: não quero nem posso deixar de fazer. Mas agora atravessam-se algumas dificuldades.» ●

